



# ARTIGOS

# AS MENINAS DE CLARICE LISPECTOR E A TRADUÇÃO DA INFÂNCIA EM SUAS OBRAS

CLARICE LISPECTOR'S GIRLS AND THE  
TRANSLATION OF CHILDHOOD IN HER WORKS

*Rosangela Fernandes Eleutério<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudo da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis - SC.

---

---

**RESUMO:** O artigo tem por objetivo apresentar as personagens femininas infantis presentes nos textos de Clarice Lispector para compreender a infância das meninas dos anos 1920 - 1980 sob a ótica literária e histórica do Brasil durante esse período. A metodologia utilizada para a pesquisa foi uma revisão dos textos literários onde as protagonistas são meninas entre oito e dez anos, situadas em Recife, cidade onde a escritora viveu durante a infância. Para uma compreensão mais aprofundada da construção literária de Lispector, alguns teóricos são considerados como Alberto Manguel (2016), Maurice Blanchot (1969), Giorgio Agamben (2005, 2007, 2017). Georges Bataille (2016) e Judith Butler (2017) contribuem para uma compreensão filosófica sobre a escrita de si e a importância do resgate da memória, enquanto Philippe Ariès (1973) faz algumas observações históricas sobre o contexto da época. O artigo tem como resultado um panorama sobre como as meninas, sobretudo a própria Clarice Lispector, entendiam suas vidas como indivíduos autônomos e independentes. Os contos possuem elementos poéticos que mostram o pesar da responsabilidade social impostos às meninas e mulheres, desde o início da puberdade até a idade adulta.

**PALAVRAS CHAVES:** Clarice Lispector; Protagonistas Infantis; Meninas; Família.

**ABSTRACT:** The article aims at presenting the female characters present in Clarice Lispector's texts to understand the childhood of girls in the 1920s - 1980s from the literary and historical perspective of Brazil in that period. The methodology used for the research was a review of literary texts where the protagonists are girls between eight and ten years old, located in Recife, the city where the writer lived during her childhood. For a deeper understanding of Lispector's literary construction, some theorists are considered as Alberto Manguel (2016), Maurice Blanchot (1969), Giorgio Agamben (2005, 2007, 2017). Georges Bataille (2016) and Judith Butler (2017) contribute to a philosophical understanding of self-writing and the importance of recovering memory, while Philippe Ariès (1973) makes some historical observations about the context of the time. The article results in an overview of how the girls, especially Clarice Lispector herself, understood their lives as autonomous and independent individuals. The stories have poetic elements that show the burden of social responsibility imposed on girls and women, from the beginning of puberty to adulthood.

**KEYWORDS:** Clarice Lispector; Child protagonists; Girls; Family.

## INTRODUÇÃO

As meninas de Clarice Lispector e a tradução da infância em suas obras tem como pano de fundo uma concepção de infância, um modo de uma mulher adulta (escritora) olhar para a criança que foi e, por meio de uma linguagem/poética literária, embalar essa criança, criar para ela outra (s) narrativa(s), menos dolorosas que a realidade vivida. Na produção literária de Clarice Lispector, as personagens meninas são protagonistas nos dois romances, *Perto do coração selvagem* e *O lustre*, e em alguns contos como “Tentação”, “Restos de Carnaval”, “Felicidade Clandestina”, “Os desastres de Sofia”, “Cem anos de perdão” e “A legião estrangeira”. Em cada um deles desenvolve-se um pensamento filosófico sobre crescer em um corpo de menina e as expectativas da sociedade dos anos 1920-1980 sobre como as mulheres devem ser e se comportar, regras que ainda perpetuam em muitos espaços sociais conservadores. Aqui contextualiza-se a história de cada personagem e como elas são representadas observando a perspectiva crítica literária clariceana e como a própria Clarice Lispector traduzia a infância.

O nascimento de Clarice Lispector era esperado como a promessa de um milagre, pois sua mãe havia contraído uma doença e na época acreditava-se, que uma gravidez poderia curá-la, algo que não aconteceu. E sim, o nascimento é um milagre e com ela não foi diferente, mas as circunstâncias de seu nascimento, primeira infância e desenvolvimento até a puberdade, em Recife dos anos 1920-1932, foram traumáticas. Especialmente para a menina, que aos poucos ia compreendendo a vida sob uma perspectiva de dor, sofrimento e carência, ao ver a mãe definhar em uma cadeira de rodas, enquanto ela era pequena demais para contribuir nos afazeres domésticos e cuidados com a mãe.

As impressões da infância de Clarice Lispector em Recife em meados do século XX são as que mais aparecem em seus contos e, por essa razão, são consideradas autobiográficas, uma maneira de poetizar a realidade, que naquela época poderia ser insuportável sem o recurso da fantasia. Veremos as personagens meninas, crianças e como ela traduziu a infância em diferentes contos e em seus livros voltados para os públicos infantil e adultos. O primeiro princípio que ela instiga em seus textos

sobre a infância é a curiosidade, que Alberto Manguel (2016) define em duas razões especiais destacadas: o desejo de experimentar algo novo e a concepção do futuro como um remate de “todas as histórias possíveis” (2016, p. 26). Essa curiosidade levará ao estímulo da imaginação, dos questionamentos, da formação da linguagem, da argumentação e libertação dos discursos impostos diariamente permitindo que leitores sejam autônomos ao fazerem suas escolhas. A literatura infantil da escritora não está voltada somente para si, mas também para as infâncias alheias, de seus filhos e personagens.

Os livros infantis de Clarice Lispector tiveram origem no pedido de um de seus filhos que vendo a mãe sempre com a máquina de escrever ao colo, pediu que lhe escrevesse um livro. O primeiro foi o *Mistério do coelho pensante*, originalmente escrito em inglês, no período em que a família morou nos Estados Unidos. Seus livros infantis, de alguma forma, traduzem o que o conceito de “infância” significava para a escritora. De acordo com a pesquisa de Moser, “sobre a infância de Clarice Lispector pairava a terrível e incessante visão de sua mãe, paralisada, num país desconcertantemente estrangeiro, incapaz de se mover ou de falar, presa numa cadeira de balanço, morrendo de modo lento e penoso” (2009, p. 97). Essa pode ser uma das razões pelas quais suas narrativas, inclusive as infantis, abordam temas sobre as inclemências da realidade.

Clarice Lispector escreveu cinco livros voltados para o público infantil, que não são menos complexos que aqueles escritos para os adultos. Os livros são: *O mistério do coelho pensante* (1967), *A mulher que matou os peixes* (1968), *A vida íntima de Laura* (1974), *Quase de verdade* (1978 - obra póstuma), *Doze lendas brasileiras* (1987 - obra póstuma). Muitas das peculiaridades que marcam sua estilística nos contos, romances e crônicas, estão presentes nos livros infantis. Algumas das principais características dos textos, como a poesia, os questionamentos filosóficos e as temáticas sensíveis podem parecer desafiantes para os adultos ao comunicar-se com crianças. Porém através dessas narrativas, torna-se possível estabelecer um diálogo sensível e honesto sobre temas existenciais com seu jovem ouvinte. Os livros de Lispector contemplam o estilo que Leonardo Arroyo quando este afirma fazer parte da literatura infantil: “deve ser concreto, com uma economia verbal capaz de tornar visual a cena e o tema focalizados. [...] o tema é secundário” (2011, p. 34).

Para Blanchot (1969), tanto a obra de arte como a literária, permitem um distanciamento do individualismo, pois ignora a busca da diferença. É uma solidão que une, abrange e domina as questões diárias partindo sempre de um ponto individual e crítico. Para o teórico, o escritor nunca poderá ter sua obra concluída, pois parte de sua construção depende da leitura e da interpretação do Outro. Essa leitura lhe dará formas que o próprio escritor pode desconhecer. A repercussão de uma obra artística ultrapassa as linhas do tempo e se remodela em cada novo período, em cada nova geração de leitores. Portanto, a arte literária é sempre atemporal, pois a cada releitura propõe-se uma nova reflexão a seus leitores e isso dependerá do entendimento que esses leitores farão do passado e presente.

Com base na perspectiva apontada por Blanchot (1969), os textos de Clarice Lispector são constituídos desta interpretação do Outro, que é algo incessante, pois ao se deparar com o diferente, o desconhecido, é possível o reconhecimento e o entendimento no olhar desse Outro e surge a questão angustiante da existência humana: reconhecer no Outro o próprio ser. E o Eu está em constante mutação, movimento de ideias, interpretações, emoções, reavaliações, e tudo isso aflora na criança muito cedo, quando começa a compreender-se como ser humano.

A obra literária é considerada interminável, incessante. Os ecos de suas histórias interrompem o silêncio, a linguagem se faz imagem, se faz imaginação, profundidade falante, plenitude que é vazio (BLANCHOT, 1969); sobretudo, lança o escritor em um estado de silêncio que é sua fonte de sentido, onde buscará sua voz íntima e particular de trazer a perspectiva de novas realidades, novos personagens, novas compreensões do mundo. Um poder que lhe dará o direito de escolha de calar, mas uma vez que decida erguer sua voz, o silêncio imponente que sua obra levanta não se calará através do tempo. Um paradoxo que revela que o silêncio ao qual o escritor se lança é a força da obra que escreve. É a fonte, a origem e o retrato de sua percepção sensível e particular, mas que pode influenciar pessoas através dos tempos. A obra literária é um legado que ecoará sem tempo determinado.

Blanchot (1969) também escreve sobre a necessidade interior de escrever. Aqui pode-se situar Clarice Lispector como uma escritora de singular incomunicabilidade que produziu livros que são interpretados e reinterpretados sob o viés literário, filo-

sófico, psicológico, biográfico e linguístico. Seus títulos nem sempre falam por si e a cada leitor de forma única e individual e suas releituras sempre mostram aspectos que revelam narrativas onde a variedade de possibilidades é infinita, porém, segundo as teorias de Blanchot, eles também são incompletos já que dependem do leitor para dar sentido a eles e permitem novas e constantes interpretações e conseqüentemente a possibilidade de uma reescrita.

Agamben em *Infância e história* (2007) faz um tratado sobre o conceito de “experiência” e de como ela está sendo vivenciada pela sociedade. O filósofo aborda o mesmo em seu livro *A linguagem e a morte* (2006), onde a morte, o indizível, a negatividade, a voz, a linguagem e o pensamento se articulam para formar conceitos profundos, que dão vida, corpo e propósito aos personagens clariceanos. Cada escolha de Clarice Lispector, que compõe sua obra, pode ser considerada “intraduzível”, pois lê-la é mergulhar na escuridão das profundezas oceânicas e que só pouco a pouco é possível desmistificar. Ler os textos da escritora é um exercício de sentar-se ao lado de uma mulher e tentar ver o que ela vê. Porque o que a escritora viu ainda continua sendo um mistério impenetrável, por isso os leitores podem mover seus olhares para tantas interpretações possíveis. E por essas razões, adentrar um livro escrito por Clarice Lispector não é apenas ler, mas vivenciar uma experiência única, íntima e particular para cada leitor. Logo esse leitor terá o seu próprio mistério, o seu próprio *eu* impenetrável. E assim forma-se uma corrente de seres peculiares, pensantes e intelectualmente interessantes por possuírem experiências próprias que a leitura proporciona.

A literatura é um conceito difícil de ser definido. Segundo Ezra Pound, “literatura é linguagem carregada de significado” (2006, p. 32). Por ela pode-se aprimorar a linguagem, a fala, o desenvolvimento cognitivo e a capacidade de comunicação. Um exemplo possível é olhar para os demais personagens que compõem um texto clariceano, ou seja, tentar se aproximar da perspectiva do antagonista, do Outro, daquele personagem a quem a narradora se refere, como por exemplo os personagens criados pela autora como o professor do conto “Os desastres de Sofia” e a menina, dona do livro, em “Cem anos de perdão”. Pela literatura se desenvolve a autonomia do leitor em tirar conclusões, fazer reflexões e acessar certa diversidade de mundos possíveis, observar as imperfeições e frustrações das pessoas ao redor com olhar empático.

Agamben (2007) observa que a primeira frustração da criança é a incapacidade de magia. Ela (a criança) precisa acreditar na fantasia e na mágica para atribuir sentido às suas vivências e a constatação de que isso não é real a frustra. Segundo Agamben, “o que podemos alcançar por nossos méritos e esforço não pode nos tornar realmente felizes. Só a magia pode fazê-lo” (2007, p. 23), fato que revela uma inclinação infantil para o fantástico, e que nos acompanha na idade adulta. Eis a razão da leitura literária ser fundamental para a construção da sensibilidade leitora da criança, logo na mais tenra idade.

Um livro literário não termina quando acaba a história. Ela ressoa na consciência, na lembrança e nas aprendizagens que o leitor foi capaz de captar quando realizou a leitura pela primeira vez. Às vezes, no futuro, poderá retomar o livro, relê-lo e apreciá-lo sob outra perspectiva. Ao voltar a um livro já lido, se deparará com outra história, porque o sentido não está no enredo em si, mas sim na bagagem interior que o leitor carrega que o levará a uma compreensão particular desse novo encontro com a narrativa. Por exemplo, citando novamente “Os desastres de Sofia”, o leitor tem acesso a todas as emoções e pensamentos da personagem menina, mas qual seria a perspectiva do professor em sala de aula e como ele se autocontrola? Qual seria a perspectiva da menina ao exercer a maldade de negar o empréstimo do livro em “Felicidade Clandestina”?

Clarice Lispector além de escrever e refletir a condição da menina, mostrou em suas narrativas como as pessoas reagem às ações de suas personagens. A tradução da infância pela autora passa por diferentes estágios no decorrer de seus contos. Por essa razão, analisa-se brevemente cada um deles, para que essa tradução feita pela escritora não seja voltada somente para si, mas também para as infâncias alheias, de seus filhos e personagens.

“Felicidade Clandestina”, conto que dá nome ao livro no qual foi publicado e o primeiro que constitui a obra, é baseado em um episódio biográfico da infância de Lispector, que aparece nas biografias tanto de Moser (2009) quanto de Gotlib (2013). O episódio, segundo os biógrafos, narra a experiência da escritora com a literatura de Monteiro Lobato e sua fascinação pelas personagens. A menina protagonista tem conhecimento de que uma de suas colegas de escola, cujo pai é dono de uma livraria,



tem o livro *Reinações de Narizinho* e pede à colega que o empreste. Sem ter dinheiro para comprar o livro que tanto deseja, a narradora “ressalta pormenores de sadismo da menina rica que adia o empréstimo do livro” (GOTLIB, 2013, p. 110). O conto se desenlaça na tortura que a menina rica impunha à outra por conhecer seu intenso desejo em ler o livro, até que a mãe da antagonista, surpreendida pela crueldade da filha, a obriga a emprestar o livro para a colega por tempo indeterminado.

Clarice Lispector não está tão distante desse ideal quando alia os termos felicidade e clandestinidade, pois se supõe que a felicidade está relacionada ao segredo, ao não merecimento, à margem. No conto, a menina que possui um livro que a narradora tanto deseja ler, *As reinações de Narizinho*, usa o interesse da colega para humilhá-la, fazendo com que ela fosse a sua casa todos os dias suplicar pelo livro e, em resposta, sempre dizia que não estava com ele. Dessa forma, a menina leitora vivia um carrossel de sentimentos onde girava entre a expectativa e a decepção, a alegria e a tristeza. Os textos de Clarice Lispector são geralmente reconhecidos pela duplicidade das emoções, o bem não existe sem o mal e para tudo há uma consequência.

## **SER MENINA NA LITERATURA CLARICEANA**

Em “Felicidade Clandestina” Lispector dota a personagem de uma sensualidade precoce, como se ler fosse um caso de amor e prazer subversivo ou até mesmo com sabor sexual. A leitura é uma experiência sensorial única para cada leitor e não pode ser vivenciada exatamente da mesma maneira por outros leitores. Cada um tem sua própria e particular relação com o escritor, o narrador e o texto, um caso de intimidade, cumplicidade e entendimento. A “felicidade” que a vingança provoca também não deve ser duradoura. Em toda obra de Clarice Lispector, em nenhum deles a maldade, o egoísmo e a crueldade não prevalecem. Aparecem como contraponto, mas o objetivo é sempre uma ascensão existencial de suas personagens. Nas narrativas não há maldade, e sim muita complexidade, e embora, às vezes, haja por parte das personagens atitudes cruéis, esses atos têm um significado e um propósito maior em relação a outros personagens e para a composição ficcional.

O conto citado finaliza com uma metáfora enfatizada por Gotlib (2013), por ser essa uma das características principais das personagens meninas dos contos de Lispector: “Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante” (LISPECTOR, 1998, p. 12 *apud* GOTLIB, 2013, p. 113). Essa metáfora, carregada de conotação sexual e sedutora, apresenta ao leitor uma menina sensualizada, que desmistifica o ideal moderno da criança como ser puro e inocente. E se tratando de uma menina, a narrativa ganha um aspecto de subversão. Há de se considerar que o conto foi escrito por Lispector na idade adulta, sendo assim a escritora, com seu olhar maduro de mulher, que analisa a emoção daquele momento e cria essa metáfora. Gotlib explica esse conto como um ritual de passagem de menina para mulher e amplifica esse texto numa interpretação muito mais abrangente (2013, p. 113).

Logo nesse conto autobiográfico, nota-se que Lispector via a si mesma na infância como uma menina transgressora, com segredos inconfessáveis, algo natural no desabrochar púbere, mas que para uma menina dos anos 1929 ou 1930, aproximadamente, aparecia como uma grande forma de júbilo pecaminoso e, por isso mesmo, prazeroso por ser secreto, clandestino. Moser e Gotlib trazem pesquisas históricas dos fatos levantados acerca do episódio narrado no conto “Felicidade Clandestina”, porém na versão clariceana essa personagem não tem nome, apenas é descrita pelos seus aspectos físicos e hábitos “de chupar balas fazendo barulho”. A ênfase da narrativa está no desejo pelo livro inatingível e o desprezo pela pessoa que se impõe entre a menina e o livro, como uma espécie de vingança. O olhar da protagonista para a outra menina manifesta desprezo e seu conto uma espécie de vingança poética através da criação literária.

O mesmo acontece com o conto “Restos de Carnaval”, onde Lispector narra um episódio de quando, aos oito anos, iria pela primeira vez ao carnaval de rua em frente sua casa. Iria fantasiada de rosa, restos de papel crepom que sobrou da fantasia que a mãe de uma de suas amigas comprou para sua filha e caridosamente decidiu fazer uma igual para a protagonista. Nesse meio tempo, quando já vestida com a fantasia, mas sem maquiagem, a mãe piorou de saúde e ela teve que correr para a farmácia mais próxima, fantasiada, mas sem maquiagem: “Fui correndo vestida de rosa - mas o rosto ainda nu não tinha a máscara de moça que cobriria minha tão exposta vida

infantil - fui correndo, correndo, perplexa, atônita, entre serpentinas, confetes e gritos de carnaval. A alegria dos outros me espantava” (LISPECTOR, 1998, p. 28). Essa mesma história é contada nas biografias de Clarice Lispector, mas, partindo do princípio ficcional, é uma narrativa poética onde a protagonista manifesta toda sua alegria em ir pela primeira vez em um baile fantasiada e maquiada, seguido de uma tristeza ao não poder desfrutar da festa pela consciência de que a mãe estava doente.

Na biografia escrita por Moser não há muitas referências sobre o conto em si, ele apenas contextualiza: “Restos do carnaval” é a história da menina fantasiada de rosa cujo carnaval foi arruinado por uma crise na saúde da mãe” (MOSER, 2009, p. 269). Porém, estende-se um pouco mais sobre Clarice como escritora autobiográfica. Gotlib tampouco se aprofunda no conto em si, talvez por seu caráter autobiográfico ser óbvio demais; entretanto, menciona que “A menina de Recife tem desejos encarnados nas fantasias de Carnaval em que se descobre mulher para o menino” (GOTLIB, 2013, p. 114). Nesse conto autobiográfico revela, Gotlib revela que Lispector tinha um amigo, Leopoldo Nachbin, que veio a se tornar um grande matemático, mas que na infância foi muito próximo da escritora e cúmplice de travessuras. Um amigo que talvez naquele momento sensível lhe tenha feito falta. Esse episódio, quando descrito por Clarice Lispector, propõe uma reflexão sobre a sensibilidade e a seletividade das emoções da personagem.

A escritora, em seus contos, coloca as protagonistas infantis como ressentidas da infância, que têm pressa em tornarem-se adultas, como se isso as fossem libertar de algo essencial que a infância as privava. No conto, “Restos de Carnaval”, ainda que esse dia tenha algumas imagens de lembranças felizes, quando se torna uma mulher adulta relembando esses episódios da infância, o coração fica escuro ao constatar que mesmo lhe “agregando tão pouco à alegria, ela era de tal modo sedenta que um quase nada já a tornava uma menina feliz” (LISPECTOR, 1998, p. 25-26). Como a narradora descreve no conto, muitas coisas que lhe aconteceram são tão piores que estas, e ela já perdoou, “No entanto, essa nunca lhe foi possível entender: o jogo de dados de um destino é irracional? É impiedoso” (1998, p. 26). Ou ainda quando ela estava de papel crepom, mas ainda sem maquiagem, sua mãe piorou e lhe mandaram à farmácia buscar um remédio, aquela desventura a amargurou e destruiu um momento que era seu, de felicidade genuína.

O conto “Tentação”, publicado no livro *A legião estrangeira* e em *Felicidade Clandestina*, não se trata de um texto com traços autobiográficos explícitos, mas a protagonista demonstra grandes semelhanças com a narradora. Diferente dos contos anteriores, esse se passa em Grajaú, bairro do Rio de Janeiro, para onde Clarice Lispector se mudou já na mocidade. Segundo Olga Borelli (1981), em seus passeios com a escritora pelo Rio de Janeiro, Lispector encantou-se com um cachorro numa loja de animais. A personagem do conto “Tentação” apresenta características eróticas e subversivas, assim como as anteriores. A personagem é descrita como uma menina ruiva, que se sente solitária e etnicamente diferente de todos os moradores de sua cidade (ou país, não fica explícito). Sente a necessidade de encontrar algo ou alguém semelhante a si: “Foi quando aproximou a sua outra metade nesse mundo, um irmão em Grajaú” (LISPECTOR, 1998, p. 61). O cachorro que se assemelha à menina pela cor da pelagem, cria na personagem a esperança de encontrar total compreensão “reunificando as partes clivadas e incompreendidas do ego que pode se exprimir então pela fantasia de ter um gêmeo” (KRISTEVA, 2002, p. 131). A relação que a menina estabelece com o animal é uma idealização da companhia perfeita.

Agamben (2007) explica a confusão que a narradora pode fazer sobre os sentimentos e comportamentos de suas personagens, pois aquilo que em uma primeira leitura pode parecer perverso, erótico e até mesmo carregado de sadismo infantil, remete justamente ao contrário, transfere para a ideia de pertencimento, de fazer parte de algo ou ter uma ligação mais profunda com alguém. No conto “Tentação” a criança pode estar expressando um desconforto consigo mesma e não com os outros. A ideia de ter aquele cachorro a tornava menos sozinha; ela cria um lugar imaginário onde um nasceu para pertencer ao outro.

Ao recorrer às personagens infantis de Lispector e à sua biografia, torna-se inevitável notar a semelhança e a repetição de episódios ou elementos: alguns que aparecem de forma enfática, outros de forma aleatória, apenas mencionada. A decepção com o seu cachorro não justifica a escrita do conto “Tentação”. Há, no conto, possibilidades maiores para análise, mas vida e obra estão de alguma forma interligadas, principalmente aos fatos que aconteceram à Lispector antes dos dez anos de idade.

Gotlib faz outra observação sobre a infância de Lispector que remete a essa

solidão infantil, que pode ser um estopim criativo para o conto. Clarice Lispector era uma menina solitária e tinha o hábito de ficar na frente de sua casa convidando as outras crianças para brincarem com ela. “Cem anos de perdão”, que versa sobre a menina que roubava rosas, é mais um exemplo dessas lembranças que Lispector traz da infância, e nela há três elementos que são recorrentes em suas obras: as rosas, famosas pelo fascínio que exerciam na escritora, o aspecto místico, que também a atraíam e o casarão, onde a família Lispector morou quando chegaram ao Brasil. Na década de 1920-30, Recife ainda era uma cidade segura onde as crianças podiam caminhar sozinhas pelas ruas e comer frutas colhidas diretamente das árvores, em qualquer lugar onde desse.

Logo no início do conto, ela explica o que roubar significa e logo é possível compreender o título: ladrão que rouba ladrão tem “cem anos de perdão”, em uma Recife já fortemente marcada pela desigualdade social. Ela começa da seguinte forma: “Quem nunca roubou não vai me entender. E quem nunca roubou rosas, então é que jamais poderá me entender. Eu, em pequena, roubava rosas” (LISPECTOR, 1998. p. 60). O desejo da posse da rosa, da transgressão e da aventura esconde a triste realidade da pobreza em Recife, mas mostra também, a capacidade que as crianças têm de imaginar e escapar da realidade. Entretanto, a fantasia de Clarice Lispector é audaz e chega à idade adulta a lembrança que esse prazer de roubar rosas dos jardins alheios lhe causava. A interpretação que a narradora adulta faz da própria infância é definida por traços da malícia, artimanhas e sensualidade que uma criança, no seu estado infantil, ainda não tem consciência de possuir. Só quando adulta, olhando para o passado, é possível compreender em sua íntegra, pois a mulher já experimentou todas as emoções que dão suporte para identificar o que havia em criança.

“Os desastres de Sofia” é uma narrativa instigante por conter episódios de análise do Outro de forma bastante crua e por revelar o percurso de uma menina de nove anos que começa descobrir, pela observação, a intimidade secreta do seu professor, um homem adulto. A criança entra em conflito consigo mesma por acreditar que todos os adultos são fortes e sábios, enquanto as crianças ainda estão em formação. Ao confrontar o olhar de outra pessoa, a personagem adquire maior autoconhecimento e embora a descoberta do olhar que lhe é devolvido, sempre de repulsa, seja assusta-

dor para a criança, é descobrir-se a si e seu papel no mundo que torna sua existência angustiante, quase insuportável.

O conto trata de uma menina precoce que sente atração e curiosidade por seu professor. “Desastre” é o termo utilizado para explicar como uma criança pode parecer inoportuna e cansativa, sendo que na verdade ela carrega em si um mundo interior complexo, com intuições que a guiam para seu futuro de mulher. Tânia Kaufmann, irmã de Clarice Lispector, conta em depoimento que, quando menina, Clarice “já possuía uma percepção sensível e se mantinha alerta como se comportavam as pessoas” (GOTLIB, 2013, p. 80). Essa observação e sensibilidade em captar a “atmosfera íntima” das pessoas é uma das habilidades que traçam um perfil geral nos textos clariceanos, e em “Os desastres de Sofia” é colocado de forma que o tema afronte seu professor e depois seja afrontada por ele, ambos se comunicando em um nível silencioso, íntimo e superior à compreensão de possíveis espectadores. Aliás, não é possível ser um leitor expectador das narrativas de Clarice Lispector, é necessário esse “pacto” com a leitura e o compromisso de chegar ao cerne de um mistério sombrio, pessoal e de compreensão da leitura e de si através daquilo que lê.

“A legião estrangeira” é um conto sobre uma mulher adulta que observa a infância de outra menina, uma menina oposta ao que ela foi, mas que caminha para o mesmo destino. Ofélia tem oito anos, é filha de um casal soberbo e são vizinhos da narradora. A criança começa a visitar a mulher, mas passa todo seu tempo criticando-a. Uma menina que não se permite ser criança nem se comportar como uma, mas que um determinado dia é surpreendida por um pintinho na cozinha. Esse encontro desarma a menina e o mesmo que se passa em “O desastre de Sofia” ocorre em “A legião estrangeira”: uma metamorfose, a de ver a vida nascendo.

“Uma história de tanto amor” é um dos raros contos de Lispector que começa com “era uma vez”. Esse conto traz em sua linguagem um tom maternal, um olhar para a criança ingênua, mas ainda rebelde, que ao saber que sua família comeu sua galinha de estimação revolta-se contra todos. Esse conto dá os indícios cristãos de “pecado” e sentimentos como ciúmes, desejo e apetite: na infância por comidas e na idade adulta por sexo.

“Preciosidade” – conto publicado no livro *Laços de Família* conta a história de

uma menina de quinze anos, entre a infância e a idade adulta, que ao ir para a escola é perseguida e abusada sexualmente por homens desconhecidos. Esse episódio desencadeia um complexo sentido de inferioridade que se estende a toda subjetividade do ser mulher e viver em um mundo dominado por homens e suas leis. A violência sofrida pela personagem é causa de vergonha para ela, que prefere manter em segredo o abuso, ao expor-se na busca por justiça e reparação. Algo doloroso que perpetua ainda hoje: a mulher culpada. Sempre a culpa, até mesmo quando se é vítima. E o fardo da vergonha, da humilhação e depreciação de si mesma.

Em alguns contos memorialísticos de Lispector, a infância é narrada como se a escritora houvesse “perdoado” as crianças depois de tornar-se mãe. Eis os exemplos: “Come, meu filho”, conto que narra uma refeição onde o filho faz muitas perguntas para as quais a mãe não tem resposta. Sendo assim, ela pede para que ele apenas coma. Em “Menino a bico de pena” a mãe cuida com muito zelo do bebê que adora, em cada detalhe de seu cuidado parece estar desenhando o filho, anotando cada gesto para que nada se perca, como se a criança fosse sua obra de arte; uma criança escrita “a bico de pena”, com esmero de uma artista.

Ao desenhar “o seu menino” nota em cada detalhe que ele é igual a todos os outros meninos e que aquele instante é apenas dela, já que nem a própria criança se lembrará desses momentos. Pensa no devir daquele bebê, ao qual gerou e sente prazer em cuidar. O conto “Uma Esperança” também trata de um momento entre a mãe e seus filhos, quando uma Esperança (inseto) é encontrada dentro de casa. Fala da emoção e alegria familiar de um momento simples. As crianças, segundo Agamben, encontram-se em uma espécie de limbo, que por definição é “a maior punição – a carência da visão de Deus – se converte assim em natural alegria: incuravelmente perdidos, eles demoram sem dor no abandono divino” (2017, p. 14), pois para a criança não há ideia do pecado e o amor de um suposto Deus é totalmente desconhecido. Ao tornarem-se adultas, a liberdade da autenticidade lhes é corrompida e passam a se ajustarem aos sistemas sociais que lhes são impostos.

Em “O ovo e a galinha” não se têm personagens infantis, mas trata de nascer, proteger, negar proteção e uma infinidade de assuntos complexos que o cuidado com o frágil exige. Parte-se da perspectiva de que o nascimento e o cuidado mater-

nal são frágeis tanto para quem nasce como para quem traz ao mundo outra vida. A maternidade, ensinada como “benção de Deus”, pode ser também fonte de profunda angústia, aprisionamento e desespero para algumas mulheres. Há outra dualidade que não pode ser ignorada, pois é algo que compõe boa parte dos temas de Clarice: a criança, a maternidade, nascimento e morte, ou seja, a vida cíclica e irremediável do qual todo ser feminino participa ativamente.

Dois romances e uma novela contam com protagonistas infantis que se tornam mulheres adultas e, por se tratar de romance, é possível acompanhar o crescimento delas e quem essas meninas se tornam na maturidade. O primeiro livro, *Perto do coração selvagem* (1943), conta a história da protagonista Joana, da sua infância solitária de menina órfã até sua vida adulta. Narração centrada na experiência interior e na introspecção, onde Clarice Lispector trata sobre a vida de uma perspectiva inteiramente voltada para a condição do “eu” em relação ao “Outro” e ao mundo que nos cerca. E, em seguida, vem *O Lustre* (1946), narrativa que discorre sobre a infância dos personagens, permeia questões sobre as relações de poder (no âmbito psicológico) entre masculino e feminino, a tirania paterna, a indiferença materna e a submissão e ânsia feminina pela atenção e reconhecimento de uma menina, chamada Virgínia, por seu irmão mais velho. Há uma linha tênue que separa o amor fraternal e o desejo sexual que a personagem Virgínia nutre, sem mesmo ter consciência, pelo seu irmão Daniel. O desenvolvimento da subjetividade feminina, narrada por Clarice Lispector nesta obra, revela o caráter castrador e intimidador ao qual as mulheres são submetidas desde a infância, muitas vezes levando-as à depressão, solidão e dificuldade de manter relacionamentos, pois sentem-se subjugadas aos “caprichos” masculinos.

Os dois romances começam com as protagonistas durante a infância e narram como essas personagens, baseadas em suas experiências, principalmente aquelas psíquicas, se desenvolvem até a idade adulta. Sobretudo mostram como cada um dos experimentos as afetam e contribuem para moldar suas personalidades e como, quando mulheres, as emoções e interpretações que na infância causaram dor moldaram suas personalidades. O primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, embora tenha impressionado a crítica, revela uma escrita ainda principiante, enquanto em *O lustre*, a memória e os simbolismos são mais evidentes. Um deles tem relação com a



infância de Lispector e mostra os primeiros sinais de autoficção e autobiografias em seus textos. Em Recife a separação ricos e pobres era tão óbvia que a inocência infantil da escritora se transformou em brincadeira de faz de conta, porém, a realidade que deu origem a essa fantasia é algo muito mais cruel.

*A hora da estrela* (1977) apresenta Macabéa, que não é uma menina, mas uma jovem mulher. Porém, é possível discorrer sobre sua vulnerabilidade, que a transforma quase na imagem de uma criança. Uma moça nordestina desamparada no Rio de Janeiro, que somente “brilha” no momento de sua morte. Esse foi o último livro publicado por Clarice Lispector e que carrega em si toda a trajetória literária da escritora. Independente do gosto do leitor, é possível constatar que Macabéa é o “resultado” do abandono, da negligência, da carência afetiva e da pobreza, que subjuga mulheres como seres marginais em uma sociedade patriarcal. A poética deste livro se inicia logo na escolha do título, pois quando todos acham lindo o céu estrelado, não pensam ou se esquecem que apenas as estrelas mortas brilham. O que veem é um cadáver cósmico que só brilha na hora de sua morte, assim como acontece com Macabéa.

## **MEMÓRIA, HISTÓRIA, INFÂNCIA E FAMÍLIA: MUTAÇÕES SUBJETIVAS E LITERÁRIAS**

Clarice Lispector cresceu no Brasil desde seus primeiros meses de vida. E a pergunta é: como deve ter sido esse início da vida de Lispector antes de chegar ao Brasil? Considerando que sua família estava imigrando, será que suas necessidades básicas foram supridas durante a viagem? A imigração em si, a insegurança da família e a instabilidade podem ter ocasionado várias sequelas na psique de todos os membros da família, coisa que a escritora e suas irmãs teriam que lidar por toda vida. Ela desconhecia o país de origem de sua família, portanto, reconhecia-se, escrevia, estudava e se apropriava da cultura brasileira como qualquer criança neste país. Porém, o estigma do estrangeiro estava presente na sua origem, na história de sua família, na intimidade do seu lar, principalmente na solidão de sua infância, convivendo com a mãe catatônica em uma cadeira de rodas e as irmãs sempre ocupadas com os afaze-

res domésticos, que mal tinham tempo de prestar atenção na irmãzinha que crescia alegre em torno do caos e da resistência daqueles sobreviventes que refaziam suas vidas com muito sacrifício.

O contexto de memorialista de Clarice Lispector em suas narrativas faz parte de uma percepção invisível através de suas personagens, que ainda “à sombra” do assolamento do trauma familiar que seus pais e irmãos enfrentaram, assiste de forma crítica e analista toda a existência humana a seu redor, inclusive sua própria desenvoltura no mundo, da infância até a idade adulta. Cury (2006, p. 304) afirma que “o relato de memórias é compreensivelmente estratégia narrativa recorrente na literatura brasileira contemporânea”. E que “estas ficções propõem em si mesmas uma abordagem não mais centralizada na soberania de culturas nacionais, nem tampouco no universalismo da cultura humana, indicando chaves para a leitura de um mundo em constante mudança” (CURY, 2006, p. 304).

Agamben parte de outra percepção que se pode ter das experiências que empobrecem os seres humanos, como por exemplo, os homens que voltam da guerra emudecidos, também aquelas que aniquilam a força moral como a fome. O filósofo fala das experiências “não compartilháveis”, as traumáticas. É isso que ele chama de “destruição da experiência” (2005, p. 21). Esse é um aspecto marcante nas biografias de Clarice Lispector, pois tudo o que se sabe sobre a família é sobre ascendência, fuga e recomeço, porém os detalhes que vivenciaram durante a Guerra na Ucrânia e as truculências que sobreviveram pouco são mencionadas.

Atualmente sabe-se que a destruição da experiência é algo catastrófico, pois são elas que compõem a história, a memória e a cultura de uma família, de um povo, de uma nação, de uma cultura e de uma língua. Sem a memória da experiência não há evolução, pois o passado está constantemente se repetindo. Em nosso cotidiano notamos uma desconexão entre os indivíduos sempre imersos em “realidades” virtuais que não podem ser traduzível em experiência, nem em arte, e tampouco cultura. O imediatismo, pela satisfação dos desejos, não permite que as pessoas reflitam sobre o passado e assim parece que o mundo está sempre se reiniciando. Dessa forma, pode-se entender que Clarice Lispector aplicou a experiência da escrita e da imaginação como forma de viver e as metáforas que usa para se expressar são parte das

experiências interiores “intraduzíveis”. Sendo assim, a escritora pode ser interpretada como uma talentosa produtora de emoções.

Nas primeiras décadas do século XX, época em que Lispector vivenciou suas experiências infantis está distante das concepções francesas da Idade Média, porém as circunstâncias de imigração e ausência materna pode ter interferido na formação da escritora como mulher, como por exemplo, ter sido solitária, observadora e questionadora ainda muito jovem. Nota-se pelas biografias de Lispector que ela não era uma criança abandonada, pelo contrário, suas irmãs e seu pai a protegiam e cuidavam, apesar das dificuldades financeiras que lidavam. Apesar de serem humildes, o pai fez o possível para que todas as filhas estudassem e tivessem diplomas acadêmicos.

Os aspectos históricos sobre infância sustentada por Ariès e que refletem de várias formas na compreensão da vivência infantil de Clarice Lispector é a compreensão de como o pudor e a inocência eram entendidos nas décadas 1920/1930. “Uma das leis não escritas de nossa moral contemporânea, a mais imperiosa e a mais respeitada de todas, exige que diante das crianças os adultos se abstenham de qualquer alusão, sobretudo jocosa, a assuntos sexuais” (1978, p. 125). Embora essa regra seja seguida por muitas famílias e, sobretudo nas mais conservadoras, pelos relatos biográficos de Lispector, esse respeito era mantido intacto, mas isso, nem na época da escritora, tampouco atualmente, impede as crianças da curiosidade precoce e a busca independente para a compreensão desses assuntos, principalmente na idade em que a puberdade se inicia. Para Manguel (2016, p. 21), a curiosidade é inata, natural a todo e qualquer ser humano e justamente quando se faz perguntas para as quais não se recebem respostas concretas, essa curiosidade se intensifica.

Para Clarice Lispector não foi diferente. Embora cercada de proteção dentro de uma sociedade conservadora e limitante, a menina recorria aos livros e à observação das pessoas para compreender a realidade à sua volta, além de sempre fazer muitas perguntas a suas irmãs e professores. A convivência com outras crianças sempre foi um campo de exploração para novos conhecimentos e assim “as explorações”, citadas por Manguel, eram tão naturais à Lispector quanto é para qualquer criança. A relação entre conceitos opostos permeia os contos de Clarice Lispector e fazem parte da *poesis* da escritora. A partir deles há sempre um elemento questionável, subjetivo

e relativamente amargo. As sinestésias e as metáforas de suas descrições causam o efeito poético dos seus textos. A temática do amor também é recorrente na obra clariceana, assim como a erotização da infância. O título “Felicidade clandestina” trata justamente sobre o amor que é secreto, não pode ser compartilhado e só tem sentido entre o amante e o amado, ou seja, a leitora e seu livro. Essa compreensão da clandestinidade de algo que deveria ser natural e possível para todos os seres humanos.

Em “Os desastres de Sofia” a narradora partindo de suas percepções de mundo em sua idade de apenas nove anos, inicia uma jornada em uma experiência interior. “A expressão de experiência interior deve, de algum modo, corresponder a seu movimento, não pode ser uma seca tradução verbal, executável em ordem” (BATAILLE, 2016, p. 36). A luta que a protagonista enfrenta consigo é ornamentada de questionamentos e reflexões, na maioria das vezes paradoxais, como se houvesse um abismo entre infância e maturidade, algo que ainda não compreende. Em sua concepção, fazer com que o professor reaja às suas provocações de aluna intolerável em sala de aula, daria a ele a oportunidade de demonstrar sua autoridade, que pela ordem natural, o professor deveria obedecer e não ser refém das brincadeiras intoleráveis das crianças.

Os contos autoficcionais podem ser entendidos sob a ótica de Judith Butler (2017, p. 33), que considera a experiência de narrar a si mesmo como uma experiência de purgar a dor que ficou no passado, porém que permanece na memória com algum sentimento de culpa. Notamos que a principal relação entre os contos citados é a intertextualidade, pois os mesmos elementos se repetem tecendo uma sequência que poderia ser adaptada para uma segunda narrativa, interligando os fatos e correlacionando as experiências infantis da escritora, porém, em todos os textos, os fatos não são tão profundos quanto a poesia que as narrativas carregam e que caracterizam a construção literária de Lispector como um todo.

A memória de uma narradora adulta que conta fatos da infância está sob o viés literário, que mistura biografia, ficção e poesia, o que caracteriza os contos como prosa poética. Essa correlação entre história e poesia é explicada por Butler como “a forma como essas questões mudam de acordo com o contexto” (2017, p. 13). Butler explica justamente a falta de piedade das narradoras consigo mesmas na forma de narrar a própria infância de maneira impiedosa atribuindo às personagens características de

mulheres adultas, como por exemplo, a sensualidade que exerce com os objetos de desejos, a vilania que aplica ao professor em “Os desastres de Sofia”, o fascínio pelo roubo em “Cem anos de perdão”, a vingança ao descrever a aparência de sua colega em “Felicidade Clandestina”, a insatisfação com seu corpo infantil em todos os contos, como se a mocidade fosse sua libertação e sobretudo a paixão carnal em possuir um cachorro, que pertencia a outra pessoa, em “Tentação”.

Relatar a si mesma, ainda sob o viés poético da ficção, faz da escritora uma “teórica social” (BUTLER, 2017, p. 18). As personagens sempre estão em busca de compreensão de si perante o Outro e de sua relação entre ser como indivíduo singular e seu efeito sob o olhar de quem a observa. Para Butler “não existe um conceito de sujeito que possa servir como fundamento para a ação moral e a responsabilização moral” (2017, 18), mas na ficção essa “responsabilização” não se aplica, ao contrário, torna-se matéria-prima para a construção do Eu poético e filosófico, que observa sob uma perspectiva amadurecida, embora ainda muito subjetiva de si mesma.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os textos de Clarice Lispector, embora voltados para o público adulto, trazem diversas personagens infantis e relatos de episódios, que são considerados autoficcionais pela semelhança entre a ficção e as biografias escritas sobre a autora. A diferença está na abordagem que Lispector faz da própria infância ao usar o fluxo de pensamento memorialístico e ao mesmo tempo autocrítico. Uma mulher que ao se tornar adulta revive o passado e extrai de suas lembranças não apenas os fatos em si, mas os impactos e emoções que essas vivências lhe causaram. Todos os contos aqui exemplificados têm em comum a intertextualidade, pois todas as meninas têm a mesma idade, entre oito e dez anos, todas sofrem com a doença e posteriormente com a morte da mãe, todas têm irmãs e todas moram em Recife, exceto no conto “Tentação” onde a intertextualidade está relacionada aos aspectos físicos da personagem e ao sentimento de solidão.

Essas informações podem ser encontradas nas biografias de Clarice Lispector

onde a própria escritora relata esses mesmos acontecimentos em entrevistas, por exemplo. Os livros infantis, embora não tenham sido explanados neste trabalho, também possuem relatos pessoais de Lispector. Os filhos da escritora tiveram um coelho quando eram pequenos, Clarice Lispector matou os peixes de seus filhos acidentalmente quando esqueceu de alimentá-los e não gostava de galinhas, por achar as aves inferiores aos demais animais. Nesses três livros, Lispector narra em primeira pessoa fatos, mas com uma linguagem maternal, suave, porém não menos reflexiva. O desafio de crescer como menina é o fio condutor de todas as narrativas. A escritora traça o percurso entre ser uma menina púbere, a expectativa pela mocidade e enfim a decepção que a idade da mulher madura provoca, algo que é evidente no conto “A legião estrangeira”.

Clarice Lispector não é necessariamente uma escritora feminista, mas sim feminina, por trazer em sua obra toda a complexidade que constitui a intimidade de ser mulher desde a infância até a maturidade. Questiona a existência, as expectativas sociais, as insatisfações com a própria aparência, desafia as regras impostas para o comportamento das meninas, se surpreende e se decepciona com cada descoberta. Abrange todo o processo de crescimento sob o viés do olhar feminino sempre rememorando, recriando e incentivando os leitores a seguirem uma linha de raciocínio que não se limita apenas na condição da mulher, mas também dos homens e de como eles desempenham seus papéis sociais marcando a diferença entre ambos. Uma escrita atual, pois quarenta e seis anos após sua morte, as mulheres ainda lutam por seu espaço e igualdade de gênero, sempre confrontando a sociedade que tentam impor expectativas sobre seus corpos desde o nascimento.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017. Tradução Cláudio Oliveira.
- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. Tradução de Henrique Burigo.
- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Editora Boitempo, 2007. Tradução de Selvino José Assmann.
- AIRÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1978.
- ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- BATAILLE, George. *A experiência interior: seguida de Método e Postscriptum* 1953. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: Esboço de um possível retrato*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.
- BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. "Memórias da imigração". In *Palavra e Imagem, memória e escritura*. (Org.) Márcio Seligmann-Silva (Org.). Chapecó: Editora Argos, 2006.
- GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: Uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.
- KONDER, Leandro. *O espírito poético da educação*. In: NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Cecília Meirelles: A poética da educação*. Rio de Janeiro: Editora Loyola, 2001.
- KRISTEVA, Julia. *O Gênio Feminino: A vida, a loucura, as palavras*. Tomo I Hannah Arendt. Tradução Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002.
- LISPECTOR, Clarice. *Doze Lendas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998
- LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. *A Legião Estrangeira*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. *A Mulher que Matou os Peixes*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2017.
- LISPECTOR, Clarice. *A Vida Íntima de Laura* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2017.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *O Lustre*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *O mistério do Coelho Pensante*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2017.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do Coração Selvagem*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *Quase de verdade*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2017.

MANGUEL, Alberto. *Uma história natural da curiosidade*. Tradução de Paulo Geiger.  
São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo:  
Cosac Naify, 2009.

POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. São Paulo: Editora Cultrix, 2014.